

Mulheres Pesquisadoras do Norte: Um Estudo Sobre as Mulheres Professoras Atuando na Pós-graduação do Amazonas

*Female Researchers in the Brazilian North: A
Study on the Academic Contributions of Women
Professors in Graduate Education in Amazonas*

*Mujeres Científicas del Norte de Brasil: Un
Análisis sobre la Actuación de Profesoras en
Programas de Posgrado en el Amazonas*

Maria Izaíra da Silva Gil
ORCID: [0000-0002-2438-5131](https://orcid.org/0000-0002-2438-5131)

Maria Lúcia Tinoco Pacheco
ORCID: [0000-0003-1651-0219](https://orcid.org/0000-0003-1651-0219)

Resumo

Este estudo teve por objetivo analisar a presença da mulher na ciência, partindo das trajetórias: a) levantamento de Estado da Arte foco “mulher na ciência” e b) a participação da mulher pesquisadora que atua como docente na pós-graduação nas áreas de licenciaturas no Amazonas. Trata-se de um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo, tomando como público-alvo os programas de pós-graduação de três universidades públicas do Amazonas: Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Universidade do Estado do Amazonas - UEA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. A partir do levantamento e análise dos dados presentes nas páginas oficiais dos programas de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, identificamos a participação de mulheres como docentes ainda em nível de desigualdade em relação aos homens. Apontamos como resultados o levantamento de trabalhos com foco na “mulher na ciência”, identificando sua trajetória de invisibilidade, silenciamento epistemológico, luta de classe; e na análise dos cursos, identificamos que a mulher se faz presente na pós-graduação, mas longe de estar em pé de igualdade nos cargos com maior ascensão no magistério.

Palavras-chave: Mulher na Ciência. Desigualdade de gênero. Mulher-Professora. Pós-graduação. Amazonas.

Abstract

This study examines the presence of women in science through two main trajectories: (a) a state-of-the-art review focusing on the theme "women in science," and (b) the participation of female researchers serving as faculty members in graduate programs in teacher education in the state of Amazonas, Brazil. Employing a bibliographic and qualitative approach, the research targeted graduate programs at three public institutions: the Federal University of Amazonas (UFAM), the State University of Amazonas (UEA), and the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amazonas (IFAM). Data collected from the official websites of master's and doctoral programs indicate that women's participation as faculty members remains unequal compared to men. Findings reveal trajectories marked by invisibility, epistemological silencing, and class struggle, while also showing that women are present in graduate education but remain underrepresented in positions of greater hierarchy and academic advancement.

Keywords: Women in Science. Gender Inequality. Female Professors. Graduate Education. Brazilian Amazon.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar la presencia de la mujer en la ciencia a partir de dos trayectorias: a) un levantamiento del Estado del Arte con énfasis en la temática "mujer en la ciencia"; y b) la participación de la mujer investigadora que se desempeña como docente en programas de posgrado en las áreas de licenciaturas en el estado de Amazonas. Se trata de una investigación bibliográfica, de carácter cualitativo, dirigida a los programas de posgrado de tres instituciones públicas del estado: la Universidad Federal de Amazonas (UFAM), la Universidad del Estado de Amazonas (UEA) y el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Amazonas (IFAM). A partir del análisis de los datos obtenidos en las páginas oficiales de los programas de maestría y doctorado, se constató que la participación de las mujeres en calidad de docentes aún se encuentra en condiciones de desigualdad respecto de los hombres. Como principales resultados, se identificó un conjunto de investigaciones centradas en la temática "mujer en la ciencia", que evidencian trayectorias marcadas por la invisibilidad, el silenciamiento epistemológico y la lucha de clases. Asimismo, el examen de los cursos reveló que, si bien la mujer se hace presente en el posgrado, todavía se encuentra lejos de alcanzar la equidad en los cargos de mayor jerarquía y ascenso dentro del magisterio superior.

Palabras clave: Mujeres en la ciencia. Desigualdad de género. Profesoras investigadoras. Educación de posgrado. Amazonía brasileña.

1. Introdução

Observa-se a ciência como prática social construída ao longo do tempo, com o caminhar da humanidade, buscando compreender os fenômenos naturais e as problemáticas sociais de forma lógica e reflexiva por meio das diversas áreas do conhecimento. A partir disso, aprimoram-se técnicas, instrumentos rigorosos e formas de racionalizar os fenômenos. Mas, nesse processo, onde está a mulher?

Assim como a estrutura social foi construída pelo e para o homem, a ciência também segue criteriosamente os padrões eurocêntricos, patriarcais, que invisibilizam a mulher nesta construção. (Chassot, 2004). Observa-se na literatura alguns registros da ciência produzida pelas mulheres no decorrer da história.

A presença das mulheres na ciência constitui-se em um campo de debate, uma vez que suas contribuições, embora significativas e historicamente relevantes, foram reiteradamente silenciadas ou invisibilizadas pelos registros oficiais da história da ciência como colaboraram Schiebinger (2008).

As narrativas dominantes frequentemente marginalizaram ou apagaram a atuação feminina, configurando o que Scott (1995) denomina um processo de construção histórica de gênero, no qual o conhecimento científico foi apropriado como território masculino. Ainda assim, mulheres como Hypatia de Alexandria — matemática, astrônoma e filósofa do século IV d.C —, emergem como símbolos de resistência epistêmica em contextos profundamente patriarcais.

No século XIX e início do XX, nomes como Sophie Germain (1776-1831), Ada Lovelace e Agnes Pockels (1862-1935), marcaram rupturas importantes, desafiando normas sociais que restringiam a participação feminina nos espaços acadêmicos e científicos. Marie Curie (1867 - 1934), por sua vez, ao conquistar dois prêmios Nobel em áreas distintas, tensionou os limites de uma ciência masculina, abrindo caminhos para o reconhecimento de outras mulheres, como colaboraram Gil, Tinoco Pacheco e Souza (2020). Da mesma forma, Rosalind Franklin (1920 -1958) desempenhou papel fundamental na elucidação da estrutura do DNA, embora seu protagonismo tenha sido, em grande medida, subalternizado frente a seus colegas homens.

Essas trajetórias revelam que a história da ciência é também a história da exclusão e da luta das mulheres por legitimidade, reafirmando a necessidade de um olhar interseccional para compreender como gênero, classe e outras dimensões de desigualdade estruturam as condições de acesso, reconhecimento e produção do saber. Assim, reconhecer e celebrar tais percursos não é apenas um exercício de justiça histórica, mas também um gesto político-pedagógico de descolonização do conhecimento e de problematização da ordem epistêmica vigente.

Nos estudos de Elias (1994), a respeito do “processo civilizador”, o autor aponta a mulher subserviente, dedicada ao lar, e o homem como articulador das relações na sociedade, frente ao desenvolvimento da ciência e às formas de pertencimento de grupos sociais, em que a posição masculina é de destaque e a posição feminina é irrelevante dentro das relações de poder.

Desta forma, ao ousar investigar sobre a mulher na ciência buscamos romper com um silêncio historicamente estruturado, com discursos hegemônicos sobre a ciência como um território de pertencimento do homem. As mulheres, embora sempre tenham produzido saberes nos mais diversos campos do conhecimento, foram constantemente invisibilizadas, subalternizadas, silenciadas, sobrando-lhes espaços de assistência e não de autora do conhecimento produzido.

Partindo deste diálogo, apresentamos o recorte de uma tese em desenvolvimento, em que reconhecemos a mulher como sujeito epistêmico fundamental na luta por uma ciência mais feminina, mais diversa, mais aberta aos conhecimentos que são fruto da investigação de mulheres. Para tanto, objetivamos: analisar a presença da mulher na ciência, partindo das trajetórias: a) levantamento de Estado da Arte foco “mulher na ciência” e b) a participação da mulher pesquisadora que atua como docente na pós-graduação nas áreas de licenciaturas no Amazonas, a partir do levantamento e análise dos dados presentes nas páginas oficiais dos programas de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

2. O que Dizem as Pesquisas Sobre a Mulher na Ciência

Diante dos dados levantados, também investigamos os trabalhos relacionados à “Mulher na Ciência”, buscando conhecer o interesse da comunidade científica pela temática, realizando um levantamento a partir do protocolo de Mendes e Pereira (2020, p. 209):

Dessa forma, compreendemos que a revisão sistemática consiste em sistematizar aspectos de interesse contidos na literatura tomada como referência, de modo a seguir uma organização é um processo de seleção que evidencie o que foi feito para, posteriormente, possibilitar a indicação de rumos de investigações. Por conseguinte, com base nas cinco etapas descritas, apresentamos uma proposta prática e detalhada de como realizar revisões sistemáticas.

No portal de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, e ainda na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações- BDTD. Seguimos a pesquisa, pontuando: I O objetivo – buscar teses sobre a mulher na ciência; II Busca – CAPES e BDTD; III Seleção – total de trabalhos encontrados; IV Análise – leitura sistemática dos trabalhos pontuando gênero, diversidade, mulher e ciência.

Como item de inclusão consideramos os dados no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Itens considerados na pesquisa nos bancos de dados CAPES e BD TD

ITENS DE INCLUSÃO	
Tipo	Tese – doutorado
Período	2016 a 2023
Grande Área de Conhecimento	Ciências Humanas, Multidisciplinar.
Área de Conhecimento	Sociais e Humanidades, Educação, Ensino.
Área de Concentração	Educação

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

De acordo com os dados levantados, identificamos, pela CAPES, o total de 34 trabalhos, e pela BD TD, 11 trabalhos, o que demonstra o interesse da comunidade científica pela temática e, ao mesmo tempo, a necessidade de trabalhos neste campo. Todos os trabalhos têm em comum, mesmo que implicitamente, os estudos de gênero e diversidade, o olhar qualitativo que mergulha em campos de conflitos.

Ainda sobre as teses, destacamos nove, que demonstram uma escrita assertiva em relação ao pensamento construído sobre a mulher-professora no campo da diversidade, se relacionam com a proposta que estamos desenvolvendo, como mostra o Quadro 2:

Quadro 2 - Teses selecionadas: Mulher, Ciência e Identidade

NOME	TÍTULO	INSTITUIÇÃO	ANO
Lima, Adriane Raquel Santana de	Educação para mulheres e processos de descolonização da América latina no século XIX: Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper	UFPA	2016
Rufino, Valéria Machado	<i>Lugar de mulher é aonde ela quiser? Relações de gênero e trabalho das docentes em uma Universidade Federal</i>	UFPB	2018
Pereira, Juliana Cardoso	<i>A inserção das mulheres na ciência: efeito de um dispositivo de visibilidade</i>	UFRGS	2019
Silva, Roberta Peixoto Areas	Pós-graduação: impactos, desafios e oportunidades sob a luz da equidade de gênero	UFRGS	2019
Lima, Josinete Pereira	Trajetórias de mulheres na pesquisa em ensino de ciências na região Norte do Brasil	UNESP	2020
Faria, Iolanda Pinto	"Never thought you were a woman": a conquista de capital científico pelas bolsistas de produtividade em pesquisa da UFBA	UFBA	2021

NOME	TÍTULO	INSTITUIÇÃO	ANO
Cardoso, Adriana Lessa	E temos como não escolher o caminho do feminismo!? Experiências de educadoras feministas	UFPEL	2022
Medeiros, Fernanda Maria de Vasconcelos	Mulheres Negras na Docência: Uma Avaliação da implementação da Lei 12.990/2014 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE)	IFCE	2022
Guimarães, Willian.	Trajetórias de vida pela educação: produzindo os núcleos de gênero e diversidade sexual em um Instituto Federal	UFRGS	2023

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Ao tecer uma breve discussão sobre o Quadro 2, apontamos: Lima (2016) coloca em evidência os escritos de Nísia Floresta no Brasil e Soledad Samper na Colômbia, objetivando analisar a educação das mulheres presentes nestes escritos observando o contexto histórico decolonial na América-latina. Neste texto, consideramos como algo pertinente para esta pesquisa a mulher que se rebela diante do contexto sociopolítico, enfrenta o patriarcado com as armas da educação e comprehende a educação como bandeira de luta para construção de uma sociedade com oportunidades iguais para homens e mulheres.

Nísia e Soledad desafiam seu tempo, pois refletiram as condições das mulheres que estavam em condições de opressão a que estavam submetidas as mulheres latino-americanas [...], propuseram uma educação pautada nas necessidades reais de independência de seus países, destacando uma educação para as mulheres como um direito, o que refutava o discurso hegemônico de incapacidade intelectual das mulheres para aprender e construir um conhecimento científico. (Lima, 2016, p.08).

Rufino (2018) buscou relações de gênero e trabalho a partir das produções científicas e do lugar das docentes na UFPB e fez descobertas relevantes sobre “barreiras invisíveis” que se fazem presentes na carreira das docentes investigadas, dificultando seus percursos na carreira docente, mas que facilitam as relações de poder e privilegiam o domínio masculino.

O estudo das relações de gênero e trabalho na docência em universidades federais se mostra complexo, de forma que as questões aqui apresentadas podem ser reveladoras de uma parte importante do que é ser mulher docente em uma universidade pública federal nas quais os processos estruturantes e fundantes de uma sociedade machista e patriarcal parecem ser reproduzidos na organização da carreira docente do magistério superior, desde a sua concepção da função, atribuições, competências e habilidades, perpassando pelas normas de avaliação, progressão e reconhecimento da carreira.(Rufino, 2018,p. 136).

Nas leituras feitas em Rufino (2018), observou-se a sub-representação da mulher-professora colocada em evidência dentro das universidades públicas. O fato descoberto é que quando as mulheres não conseguem ascensão aos cargos da carreira docente, as tomadas de decisão são

feitas pela ótica do masculino, ou seja, sua voz, necessidades, as atribuições sofrem influência que podem ter resquício direto do pensamento patriarcal.

Pereira (2019) apresenta a análise das ações voltadas para a entrada da mulher no campo científico na área de exatas. Uma vez reconhecida sua quase nulidade neste campo, surgem ações com o objetivo de promover essa visibilidade, como estratégia para conduzir as mulheres para atuação nas ciências exatas, entre as quais se destaca a criação do Prêmio L'Óreal ABC/UNESCO – Para mulheres na Ciência como forma de incentivo.

Silva (2019) mostra o processo de avaliação quantitativa e qualitativa, a partir de um estudo de caso, sobre a presença da mulher na ciência, acompanhando sua evolução na carreira, encontrando “discriminação da inteligência um processo misógino presente na Academia brasileira e que somente será desfeito através de alterações estruturais, pois, de acordo com nossos achados, a arquitetura atual tende à perpetuação.” (Silva, 2019, p.08).

É nestas leituras que se encontra a misoginia estrutural, que aponta lugares para as mulheres dentro da academia e o fato de escolherem cursos que apontam o processo de feminização. Ao investigar o CNPq e a Capes, percebeu-se que a mulher tem predominância nos cargos com menor salário (Silva, 2019).

Josinete Lima inicia seu texto trazendo uma reflexão importante para nossa escrita. Ela afirma: “as mulheres são a metade da população mundial, mas elas não ocupam a metade das posições de chefe de Estado, nem a metade das cadeiras dos parlamentos e tampouco a metade dos cargos de presidentes das empresas.” (Lima, 2020, p.12).

Em Lima (2020), dedicada às mulheres que ensinam Ciências na região Norte, evidencia-se a disparidade na relação entre homens e mulheres no campo social, marcada por espaços de luta e pelos conflitos frequentemente enfrentados pelas mulheres em busca de reconhecimento e participação na sociedade. Torna-se necessário discutir esse desvio que afasta a mulher das áreas de liderança e a desqualificação de suas competências enquanto sujeito de direitos — aspectos que atravessam sua formação, o exercício da docência e a constituição de sua identidade profissional.

Em síntese, as origens da desigualdade de gênero possuem relação com a solidariedade histórica criada entre os homens e a não-partilha de conhecimentos destes com as mulheres, quando da inovação técnica. As desigualdades de gênero, criadas ao longo da história, em processos em que a mulher é inferiorizada em relação ao homem, caracterizam um sistema que recebe o nome de patriarcado. (Gimenes; Hahn, 2018, p.118).

Lima (2020), ao investigar sobre os caminhos percorridos pelas mulheres cientistas, mostra o poder masculino nesse campo e aponta a necessidade de educar as meninas para ciência, conforme os estudos feministas que já denunciavam estados de opressão da mulher. A pesquisa aponta a

necessidade de incentivarmos em nossas meninas a curiosidade e descoberta próprias da ciência, deixando de reproduzir o papel da mulher do lar e da mãe que cuida dos filhos e da casa.

Faria (2021) analisa as pesquisadoras bolsistas do CNPQ da UFBA, colocando em evidência suas trajetórias de vida e de ascensão no campo científico. O título da tese “Nunca pensei que fosse mulher” remete aos embates já ouvidos entre os diálogos com pesquisadores, rememorando o: “pesquisa como se fosse homem”. Aqui parte o entendimento sobre os espaços de dominação e poder que afastaram socialmente a mulher das ciências.

Não se deve esquecer que a ciência foi construída aos moldes do colonialismo e do patriarcado e que ainda perduram diálogos que desrespeitam e desprestigiam os estudos feitos por mulheres. Aspectos relacionados à ascensão da carreira são desafios que a mulher-professora pesquisadora enfrenta na prática.

A autora aponta em sua pesquisa que:

Os dados da UFBA e nacionais analisados apontaram para flagrante desigualdade de gênero que ainda mantém as mulheres com cerca de apenas um terço do total de bolsas disponibilizadas. Esse cenário se agrava ainda mais quando considerados cada um dos níveis bolsas isoladamente, pois a proporção de mulheres em relação a homens diminui à medida em que aumenta o nível da bolsa. (Faria, 2021, p.202).

Cardoso (2022) mostra os Estudos De(s)coloniais e a Educação Popular Feministas, nos quais a autora busca compreender a ação educativa para construção de valores do feminismo em espaços formais e não formais, discutindo, a partir de si e de outras narrativas femininas, a necessidade de se discutir a fome, a pobreza, os espaços de liderança, alicerçado nas transformações sociais, culturais e políticas.

Com base na pesquisa, ficou evidenciado que feminismo, no singular, se trata de um conceito representante dos feminismos. Feminismos, no entendimento de que avançaram contribuindo para a humanização da sociedade, além de promover “um encontro”, identificações, de mulheres que reconhecem no cotidiano os seus direitos negados historicamente e neste encontro criam laços fortes e articulação política para enfrentar os cativeiros. (Cardoso, 2022, p.197).

A partir do pensamento de Cardoso (2022), construíram-se argumentos para pensar um feminismo plural, fonte de saber para todas que, em determinado momento da vida, ou diariamente, sofrem dentro de um plano maior estruturado socialmente - seja economicamente, seja biologicamente, seja na construção do poder de outro(s) sob a mulher. A partir desse feminismo plural, a mulher se articula com outras mulheres e, assim, ganha força para a ação de enfrentamento.

Ao refletir a partir do diálogo construído, seguimos investigando sobre a atuação da mulher como docente na pós-graduação do Amazonas, conforme apresentado a seguir.

3. O que Dizem os Dados do Amazonas Sobre a Mulher na Docência na Pós-Graduação

Partindo do diálogo que viemos construindo, ousamos investigar os dados dos docentes que atuam na pós-graduação apontando como norte as áreas de licenciatura dentro das três instituições públicas do Amazonas, a saber: Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Universidade Estadual do Amazonas – UEA e Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM, com foco em seus programas de pós-graduação e na quantidade de mulheres que atuam nestes como docentes e coordenação.

O estudo limitou-se a investigar os dados presentes nas páginas oficiais das três instituições, com foco nos cursos de pós-graduação. Tal estudo iniciou em setembro de 2024 e foi finalizado em abril de 2025, pontuando o total de professores por sexo e o total de professores atuando na coordenação dos cursos. Por mais que as questões de gênero não tenham sido consideradas, o estudo por sexo permite tabular os dados apresentados nos Quadros 3, 4 e 5.

Quadro 3 - Número de professores e coordenadores que atuam na pós-graduação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS					
PROGRAMA	PROFESSOR/ PROFESSORA		COORDENAÇÃO		FONTE
Programa de pós-graduação em Educação – PPGE	M	F	M	F	Disponível em: https://ppge.ufam.edu.br/corpo-docente.html
Mestrado/Doutorado	10	24		1	
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH	M	F	M	F	Disponível em: https://www.pph.ufam.edu.br/item-1-do-menu-1.html
Mestrado/Doutorado	15	7	1		
Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL	M	F	M	F	Disponível em: https://www.ppl.ufam.edu.br/item-1-do-menu-1.html
Mestrado	11	19		1	
Programa de Pós-graduação em Matemática – PPGM	M	F	M	F	Disponível em: https://posmatematica.ufam.edu.br/apresentacao1.htm
Mestrado/Doutorado	29	6	1		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS					
PROGRAMA	PROFESSOR/ PROFESSORA		COORDENAÇÃO		FONTE
Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais – PPGCA	M	F	M	F	Disponível em: https://ppgca.ufam.edu.br/apresentacao.html
Mestrado	9	3	1		
Programa de Pós-Graduação de Geografia – PPGEOG	M	F	M	F	Disponível em: https://www.ppgg.ufam.edu.br/conselho-do-programa.html
Mestrado	11	8	1		
Programa de Pós-graduação em Filosofia – PROFILO	M	F	M	F	Disponível em: https://ppgfilo.ufam.edu.br/artigo-exemplo.html
Mestrado	8	1	1		
Programa de Pós-graduação em Química -PPGQ	M	F	M	F	Disponível em: https://ppgq.ufam.edu.br/pagina-teste.html
Mestrado/Doutorado	17	7	1		
Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia -PGSCA	M	F	M	F	Disponível em: https://ppgsca.ufam.edu.br/coordenacao.html
Mestrado/ Doutorado	11	9	1		
Programa de Pós-Graduação em Física – PPGFIS	M	F	M	F	Disponível em: https://www.ppgfis.ufam.edu.br/apresentacao.html
Mestrado/ Doutorado	9	4	1		
Total	130	88	8	2	

Fonte: Elaboração própria, 2025.

De acordo com Espírito-Santo, Palma, Vasconcelos, Assis e Loteiro (2023, p.09):

[...]conforme se ascende aos níveis mais altos da carreira, a participação das mulheres se reduz no ambiente acadêmico. Uma explicação bastante comum e simplória diz respeito ao pseudofato de que as mulheres seriam menos produtivas e, por isso, alcançariam em menor proporção os cargos mais elevados. Portanto, a estrutura da ciência é forjada na lógica da modernidade capitalista colonial.

É importante destacar a universidade como espaço natural do conhecimento, é nela que se constrói, reconstrói e desconstrói saberes, porém a universidade é fruto da sociedade, logo a ciência construída neste espaço também nasce dos processos de colonização empregados, ou seja, o processo civilizador determina toda vida social, assumindo a sociedade patriarcal, a ciência também se configura nestes moldes.

O patriarcado é um caso específico de relações de gênero porque consiste num sistema de dominação masculina, em que a dominação se evidencia em violências, discriminações, separações e inferiorizações. Estas marcas de dominação não se evidenciam apenas em relações interpessoais. A dominação masculina, enquanto patriarcado, mostra-se em estruturas. (Gimenez; Hahn, 2018, 118).

Ao passo que a sociedade evolui e a modernidade capitalista colonial necessita da força de trabalho da mulher qualificada, ela encontra fissuras para buscar educação, entrar na universidade, buscar a pós-graduação. Mesmo que seja com força maior nas áreas envolvendo o cuidado, é a partir destes espaços que as mulheres pesquisadoras conseguem buscar protagonismo dentro da ciência.

Quadro 4 - Número de professores e coordenadores que atuam na pós-graduação – UEA.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS					
PROGRAMA	PROFESSOR/ PROFESSORA		COORDENAÇÃO		FONTE
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH	M	F	M	F	Disponível em: https://pos.uea.edu.br/cienciashumanas/categoria.php?area=APR
Mestrado/Doutorado	10	11		1	
Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – PPGLA	M	F	M	F	Disponível em: https://ppgla.uea.edu.br/pt_br/docentes/
Mestrado	8	8	1		
Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEO	M	F	M	F	Disponível em: https://selecao1.uea.edu.br/xfiles/data/xselecao/22668.pdf
Mestrado	8	7	1		
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED	M	F	M	F	Disponível em: https://ppged.uea.edu.br/politicas-de-credenciamento-docente/
Mestrado	8	9		1	

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS					
PROGRAMA	PROFESSOR/ PROFESSORA	COORDENAÇÃO		FONTE	
Total	34	35	2	2	

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Quadro 5 - Número de professores e coordenadores que atuam na pós-graduação – IFAM.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS					
PROGRAMA	PROFESSOR/ PROFESSORA	COORDENAÇÃO		FONTE	
Programa Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de Física – MNPEF	M F	M F			Disponível em: https://www2.ifam.edu.br/mestrado/mnpef/programa/docentes-2
Mestrado	11 1	1			
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT	M F	M F			Disponível em: https://www2.ifam.edu.br/profept/programa/docentes-1
Mestrado	5 4	1			
Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico – PPGET	M F	M F			Disponível em: https://ppget.ifam.edu.br/
Mestrado/Doutorado	5 10		1		
Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – Profei	M F	M F			Disponível em: https://www2.ifam.edu.br/profei/programa/corpo-docente
Mestrado	8 3	1			
Total	29 18	3 1			

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Universidade do Estado do Amazonas e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas possuem menos programas de pós-graduação em comparação à

Universidade Federal do Amazonas, mas estes também trazem informações pertinentes para o pensamento que estamos construindo.

Os três programas que encontramos com foco em licenciatura da UEA apresentam percentuais bem parecidos, sendo dois coordenados por mulheres, destacando que ambos têm proximidades com cursos voltados para a educação básica.

No IFAM existem dois cursos associados ao Programa de Pós-graduação em Rede Nacional: ProfEPT e o Profei. Ambos contam com professores e coordenação no IFAM, mas o Profei atende a formação em educação inclusiva, um dos principais desafios da escola atualmente. Nesse curso, tanto corpo docente quanto coordenação são compostas por homens.

4. Resultados e Discussão

A mulher-professora pesquisadora apresentada neste estudo comprehende a educação, conforme nos estudos de Lima (2016), como a ferramenta motriz para construir uma sociedade melhor, a partir de suas ações no campo da diversidade. Ela promove no contexto da sua ação formativa e de produção da pesquisa científica o estímulo para que outras possam utilizar a ciência como instrumento de desenvolvimento e empoderamento.

Ao olhar para os dados do levantamento nas páginas dos programas de pós-graduação do Amazonas, percebe-se que, por mais que exista a feminização do magistério, a mulher não consegue chegar aos cargos com maior prestígio e questões salariais, como é o caso da pós-graduação, o que se apresenta no Gráfico 1.

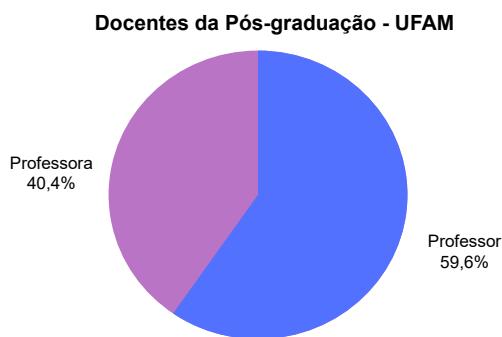


Gráfico 1 - Percentual Docente na Pós-graduação – UFAM

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Ao analisar os dados, podemos afirmar que o número de professoras na pós-graduação é maior nas áreas que abarcam a Pedagogia e Letras. Retomando o discurso de feminização do magistério, verifica-se que, nos dados presentes dos Programas de Pós-graduação em Educação e no Programa da Pós-graduação em Letras, mais de 50% do corpo docente é mulher.

Reconhecemos a pós-graduação como um espaço de maior ascensão na carreira do magistério, por isso também a menor presença da mulher nos demais cursos investigados. Ao olhar os dados da UFAM, universidade que oferta maior número de cursos de pós-graduação, constata-se que estamos longe de equiparar os dados. Além disso, em cursos tradicionalmente responsáveis pela formação do pensamento social como Sociologia e Filosofia, a presença da mulher é mínima.

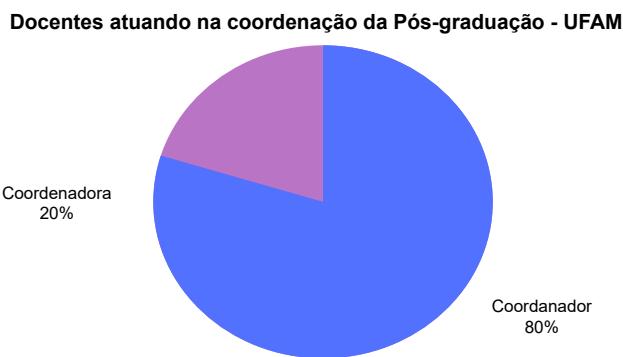


Gráfico 2 - Percentual de coordenadores da Pós-graduação – UFAM

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Ao analisar os dados das mulheres que atuam na pós-graduação como coordenadoras representadas no Gráfico 2, a situação é ainda mais alarmante: somente 20% do total de cursos investigados são coordenados por mulheres, e retomando a fala referente ao processo de feminização, observa-se a presença feminina na pós-graduação em Educação e em Letras.

Coordenadores atuando na Pós-graduação - Amazonas

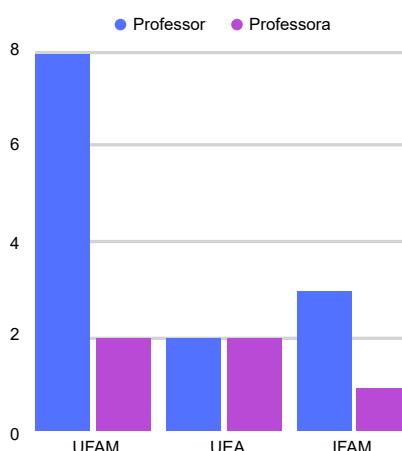


Gráfico 3 - Docente na Pós-graduação no Amazonas por sexo

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Docentes atuando na Pós-graduação - Amazonas

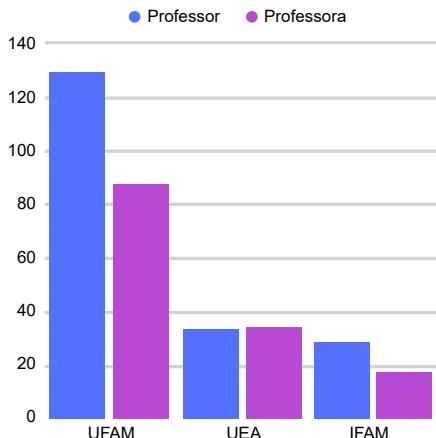


Gráfico 4 - Coordenadores na Pós-graduação no Amazonas

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Embora o espaço da pós-graduação seja o espaço ideal para a ciência, para a construção de conhecimento, a análise dos dados investigados mostra que estamos longe de alcançar a equiparação entre homens e mulheres nos cargos com maior ascensão na educação. Ao observar os dados da UFAM, apresentados no Gráfico 3, tanto em relação ao número de professores, quanto de coordenadores, fica evidente que ainda é necessário fazer um exercício de disruptura da colonialidade dentro da universidade, pois é nele que se constrói o pensamento intelectual da sociedade.

Nos cursos com foco em Ciências Exatas, a presença feminina é mínima, o que reforça o pensamento da sociedade patriarcal, que delimita o lugar para as mulheres, estimulando a subserviência e o cuidado do lar, considerando-as incapazes para as Ciências Exatas. Para Nanes, Leitão e Quadros (2016, p.30):

Desde a escola até a universidade, fomenta-se muito mais nos meninos a formação técnico-científica, enquanto que nas meninas se negligenciava tal estímulo, ao ponto de elas mesmas evitarem as disciplinas técnicas. As mulheres são frequentemente estigmatizadas como trabalhadoras temporárias, “caseiras” por natureza e incompetentes com a maquinaria.

A universidade é feita pelo/para o homem, os processos de lutas das mulheres e necessidades do capitalismo adentram essa estrutura. As mulheres encontram cursos socialmente aceitos para elas, como a Pedagogia e a Enfermagem, por se tratar do cuidado, e aos poucos assumem posições nas consideradas STEM¹ (Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemática). No entanto, ainda há uma sub-representação, reforçada nos dados encontrados, como no Programa de Física do IFAM, com somente 1 mulher, ou no Programa de Matemática da UFAM, que possui 29 professores e somente 6 professoras.

¹ Science, Technology, Engineering and Mathematics.

O PPGET chama atenção pelo foco no ensino tecnológico, que socialmente tem maior predominância masculina. Porém, observa-se a disruptura, pois o programa possui maior número de docentes e coordenação femininas, algo que consideramos importantíssimo destacar. Isso demonstra que, mesmo os dados apontando que a professora pesquisadora ainda não se encontra em pé de igualdade nos campos mais elevados da docência, em alguns programas de pós-graduação ela já se coloca em evidência.

5. Conclusão e Próximos Passos

De acordo com os dados investigados, é importante ressaltar que este estudo compõe um recorte de uma tese em desenvolvimento dedicada à mulher-professora pesquisadora.

Destacamos a importância das pesquisas científicas como uma fonte propulsora dos diálogos sobre as desigualdades de gênero, a necessidade do embate teórico e mobilizador para trazer à tona os desafios enfrentados pela mulher diante da sociedade que insiste em invisibilizar sua voz, subalternizar seu caminhar enquanto sujeito de direitos, e assumir, como estratégia de poder, os diferentes corpos nas diversas frentes.

A ciência deve ser um caminho para a luta por melhores condições de igualdade, e a academia deve ser o espaço que floresça o conhecimento para diversidade no sentido da diferença, no qual as mulheres devem assumir o lugar natural do saber, fazer uma ciência mais feminina, valorizando as epistemologias da mulher, criando novas trajetórias para as meninas pesquisadoras que virão.

Ressaltamos que nossos dados se limitam às universidades do Amazonas e aos cursos de licenciatura; ainda assim trazem importantes resultados que podem servir de caminho para que outros pesquisadores possam pensar essa realidade a partir do cenário que vivem, adaptando nossa estratégia de investigação para sua realidade.

Destacamos os dados do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico do IFAM, por apresentar uma estrutura com maior corpo docente feminino e também com uma mulher no cargo de coordenação, apontando que aos poucos a mulher vai conquistando espaços.

Ao pensar sobre a mulher-professora na pós-graduação, é importante refletir sobre o desafio da despatriarcalização, perpassando por estes processos que, ao mesmo tempo, colocam a mulher num exercício de desconstrução sociopolítica enquanto profissional de (re)existência diante do processo. Ela se apresenta como exemplo, seja de forma estratégica ou não, de enfrentamento da opressão feminina nesses campos de atuação.

Por fim, a feminização do magistério é uma realidade que não acompanha os cargos com maior prestígio na educação. Por isso, a professora que consegue adentrar na docência da pós-graduação, nas coordenações, nos espaços com maior possibilidade de poder e tomada de decisão abre uma fissura para fazer uma ciência com um olhar mais feminino, mais compreensivo diante dos desafios próprios do ser mulher.

Agradecimentos

O apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, pelo fomento desta Pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico – PPGET IFAM, em especial à Professora Dra. Maria Lúcia Tinoco Pacheco, pela dedicação e comprometimento com a orientação desta escrita.

Referências

CARDOSO, Adriana Lessa. **E temos como não escolher o caminho do feminismo!? Experiências de educadoras feministas.** Tese. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2022.

CHASSOT, Attico Inácio. **A ciência é masculina?: é sim, senhora!**. Editora Unisinos, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESPÍRITO-SANTO, Giannina do et al. Desigualdades interseccionais nos programas de pós-graduação stricto sensu em educação física. **Educação e pesquisa**, v. 49, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/cj86qYcCBBmJ9zKkqw5ykma/> Acesso em: 01 fev. 2025

FARIA, IOLANDA PINTO DE. **'Nunca pensei que você fosse mulher': a conquista de capital científico pelas bolsistas de produtividade em pesquisa da UFBA.** Tese. (Doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero E Feminismo), Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2021. Disponível em: <https://repositoriodev.ufba.br/bitstream/ri/35379/1/TESE.pdf> Acesso em: 01 ago. 2023.

GUIMARÃES, Willian. **Trajetórias de vida pela educação: produzindo os núcleos de gênero e diversidade sexual em um Instituto Federal.** 2023. Tese - Doutorado em Universidade Federal do Rio Grande do Sul Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/255969#> Acesso em: 01 ago.2023.

GIL, Maria Izaíra da Silva; TINOCO PACHECO, Maria Lúcia; SOUZA, Ana Cláudia Ribeiro. Identidade Docente Feminina: Construções e Ressignificações na História da Ciência. In: **Anais VI Seta**. Manaus, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ajUBE4NSBy12mYBqppRqyH6N48qrHIH8/view>

GIMENEZ, Charlise Paula Colet; HAHN, Noli Bernardo. A cultura patriarcal, violência de gênero e a consciência de novos direitos: um olhar a partir do direito fraterno. **Libertas: Revista de Pesquisa em Direito**, v. 4, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/libertas/article/view/5> Acesso em: 01 ago.2023.

LIMA, Adriane Raquel Santana. **Educação para mulheres na América Latina: um olhar decolonial sobre o pensamento de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper.** Editora Appris, 2019. Disponível em: Disponível em: <https://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/ADRIANE.pdf> Acesso em: jul.2023.

LIMA, Josinete Pereira. **Trajetórias de mulheres na pesquisa em ensino de ciências na região norte do Brasil.** Tese. (Doutorado em EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA). Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Bauru. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193590> Acesso em: 01 ago. 2023.

MEDEIROS, Fernanda Maria de Vasconcelos. **Mulheres negras na docência: uma avaliação da Implementação da Lei 12.990/2014 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).** 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75317> Acesso em: 01 ago. 2023.

MENDES, Luiz Otavio Rodrigues; PEREIRA, Ana Lucia. Revisão sistemática na área de Ensino e Educação Matemática: análise do processo e proposição de etapas. **Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, v. 22, n. 3, p. 196-228, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/50437> Acesso em: 04 jan.2023.

NANES, Gisele; LEITÃO, Maria do Rosário; QUADROS, Marion Teodósio. (Org.). **Gênero, Educação e Comunidade.** UFPE, Recife, 2016.

PEREIRA, Juliana Cardoso. **A inserção das Mulheres na Ciência: Efeito de um dispositivo de visibilidade.** Tese. (Doutorado Em Educação Em Ciências Química da Vida e Saúde) Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre. 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/210787> Acesso em: 01 ago. 2023.

RUFINO, Valéria Machado et al. **Lugar de mulher é aonde ela quiser? Relações de gênero e trabalho das docentes em uma Universidade Federal.** 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14131/1/Arquivototal.pdf> Acesso em: 01 ago. 2023.

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos.** p. 269-281, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LZcRqYbsQR4cxYkgfCGyjyr/?format=html&lang=pt> 01 ago. 2025.

Scott, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, p. 71–99. 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf> 01 ago. 2025.

SILVA, Roberta Peixoto Areas. **Pós-Graduação: Impactos, Desafios e Oportunidades Sob A Luz Da Equidade de Gênero.** Tese. (Doutorado Em Educação Em Ciências Química da Vida E Saúde) - Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/215333> Acesso em: 27 jun.2023.

Sobre as autoras

Maria Izaíra da Silva Gil

Doutoranda e Mestra em Ensino Tecnológico – IFAM, Pedagoga – UFAM, Professora – SEMED/AM.

Doutoranda e Mestra em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM, Especialista em Docência do Ensino Superior - UNIASSELVI, Especialista em Gestão de Projetos e Formação Docente - UEA, Especialista em Educação à Distância: Gestão e Tutoria - UNIASSELVI, Especialista em Coordenação Pedagógica - UFAM, Bacharela em Administração Pública - UEA, Licenciada em Pedagogia - UFAM. Habilitada em Magistério - IEA. Servidora efetiva da Secretaria Municipal de Educação - SEMED. Pesquisadora em Educação/Ensino dedicada à formação de professores, mulher, professora, identidade docente, gênero, diversidade e contextos tecnológicos.

E-mail: m.izairagil@gmail.com

Maria Lúcia Tinoco Pacheco

Doutora e Mestra em Sociedade e Cultura da Amazônia – UFAM, Professora titular – IFAM

Doutora e Mestra em Sociedade e Cultura da Amazônia- -UFAM, na área de Linguagem e Representações; Especialista em Língua Portuguesa e Orientação Educacional; Licenciada em Letras-UFAM; Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Amazonas. Revisora, conteudista e produtora de material na área de Língua Portuguesa, Literatura e Diversidade. Ensaísta e crítica literária; investiga a diversidade e a diferença, desenvolvendo trabalhos na formação de professores relacionados à educação especial e educação inclusiva em contextos de gênero, EJA, questões étnico-raciais, entre outros.

E-mail: maria.gil@semed.manaus.am.gov.br